

**PRESERVANDO O PARIMÔNIO CULTURAL DOS CEMITÉRIOS:
ESTUDO SOBRE OS CEMITÉRIOS DE PORTO ALEGRE E BAGÉ**
*PRESERVING THE CULTURAL HERITAGE OF THE CEMETERIES:
RESOURCE ABOUT THE CEMETERIES OF PORTO ALEGRE AND BAGÉ.*

Clarisse Ismério¹

Resumo: Os cemitérios guardam uma parte de nosso Patrimônio Cultural e por isso podem ser considerados verdadeiros museus a céu aberto. No Rio Grande do Sul os cemitérios possuem influências estéticas herdadas da colonização europeia. Objetiva-se através desta pesquisa buscar as origens históricas e as influências estéticas que deram origem aos cemitérios de Porto Alegre e Bagé. Os cemitérios possuem estátuas de heróis, musas e anjos que traduzem um universo representações culturais e sociais fruto da opulência econômica dos municípios. Portanto, são importantes fontes históricas que colaboram para a preservação da memória familiar e coletiva; permitem o estudo das manifestações e crenças religiosas, das ideias e posturas políticas; mostram os gostos artísticos da sociedade; conhecer a formação étnica do município e da expectativa de vida da população; além de propiciar o desenvolvimento de estudos genealógicos.

Palavras-Chave: Arte Cemiterial. Influências. Patrimônio Cultural.

Abstrat: The cemeteries keep a part of our Cultural Patrimony and for that true they can be considered museums in open sky. In Rio Grande do Sul cemeteries have aesthetic influence inherited from the European colonization. The objective is to get through the present research the historical origins and aesthetic influences that gave rise to the cemeteries in the cities of Porto Alegre and Bage. The cemeteries own statues of heroes, muses and angels that translate an universe cultural representations and social fruit of the economical opulence of the municipal districts. Therefore they are important historical sources that collaborate for the preservation of the family and collective memory; they allow the study of the manifestations and religious faiths, of the

¹ Doutora em História do Brasil, Coordenadora do curso de Relações Internacionais das Faculdades IDEAU – Bagé, Professora da Universidade da Região da Campanha – URCAMP.

ideas and political postures; they show the artistic tastes of the society and show also how to know the ethnic formation of the municipal district and of the expectation of life of the population; besides propitiating the development of genealogical studies.

Key words: Art Cemetery. Influences. Cultural Heritage.

INTRODUÇÃO

Ao estimular a valorização e preservação do Patrimônio Cultural, estamos promovendo o conhecimento da identidade local da mesma forma que estamos transformando o ser humano em um protagonista do desenvolvimento regional, que passa de observador a agente transformador da sua comunidade. Cientes desta perspectiva desenvolvemos pesquisas voltadas para a preservação da arte cemiterial com o objetivo de refletir mais sobre o imaginário da morte e conhecer o passado, por meio dessas fontes que revelam universo de beleza e múltiplos significados.

No Rio Grande do Sul encontramos uma grande produção voltada à arte cemiterial. Dentre os cemitérios com maior representação escultórica, destacam-se os das cidades de Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, São Gabriel e Bagé.

Cada cemitério é um museu que possibilita, por intermédio de seu acervo, resgatar a história das famílias tradicionais, a mobilidade social e sua mentalidade, frutos da importância política e da opulência econômica dos municípios. Uma característica marcante nos túmulos e mausoléus é a forte influência da cultura europeia.

DE ÚLTIMA MORADA À INSTITUIÇÃO CULTURAL

Os cemitérios caracterizam-se como o local da última morada dos mortos. Percebemos que, atualmente são muito mais que isto, uma vez que são provas concretas da opulência econômica e política das cidades. A partir do século XVIII cresceu a preocupação com a estética dos túmulos, jazigos e mausoléus obra do gosto peculiar da burguesia ascendente.

A efervescência narcisista, típica da burguesia, levou a nova classe a querer registrar suas particularidades nos cemitérios, que se tornaram o local propício para: eternizar o individualismo do homem, recém-valorizado após a morte; romper o anonimato das pessoas que passam a promover-se, distinguir-se dos demais, adquirir propriedades perpétuas, cabendo aos homens poderosos o melhor quinhão da vida eterna. Esses cemitérios atestam ainda hoje o alto padrão social das famílias burguesas que se aglomeraram nesse habitat póstumo (BORGES:2002, p.130-131).

Uma característica que se acentua no século XIX, na medida em que os cemitérios tornam-se locais de perpetuação da imagem das famílias abastadas, como destaca Sousa: “E levanta-se bem alto a honra dos Mortos; ergue-se, assim, a pujança dos vivo” (SOUSA: 1995, p. 175-176).

Os cemitérios tornaram-se, gradativamente, “uma instituição cultural (...) um sentido de continuidade histórica e raízes sociais” (FRENCH apud ARIÈS, 1982, p. 570 e 579). Muito mais que o último lugar de descanso passa a ser um museu a céu aberto, repleto de significados e representações que nutrem a imaginação daqueles que o visitam. Tanto na Europa como nos EUA, os cemitérios perdem aos poucos o seu aspecto mórbido e desolador para tornarem-se um local de convivência e sociabilidade. Por guardarem os restos mortais de figuras ilustres tornam-se guardiões da cultura e da memória de seu povo. Um fator que auxiliou esta visão foi a difusão das ideias positivistas, pois Comte sob a máxima “os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos”, justificava que a memória e os feitos dos heróis e homens notáveis do passado deveriam servir de exemplo e inspiração para as futuras gerações.

O mesmo processo ocorreu nos cemitérios brasileiros que formaram, ao longo do tempo, um acervo de grande valor artístico e histórico, sendo estes trabalhados nas pesquisas de Maria Elizia Borges e Harry Bellomo. Maria Elizia Borges (2002) analisa a arte funerária através da produção dos artistas marmoristas e ateliês de Ribeirão Preto, efetivando a ostentação da sociedade local e as formas simbólicas de representação da morte. Já Bellomo (2000) trabalha com as múltiplas tipologias cristãs da arte funerária nos cemitérios de Porto Alegre e do interior do estado do Rio Grande do Sul, destacando que estes se caracterizam como importantes fontes históricas, pois colaboram para a preservação da memória familiar e coletiva; permitem o estudo das manifestações e crenças religiosas, das ideias e posturas políticas; mostram os gostos artísticos da sociedade; permitem o conhecimento da formação étnica do município e da expectativa de vida da população; além de propiciar o desenvolvimento de estudos genealógicos.

Especificamente sobre o Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé existe a pesquisa de Eliane Bastianello (2010) que estudou o simbolismos, as edificações e

ornamentos funerários deste espaço de memória. O trabalho também destaca a importância do escultor-marmorista José Martinez Lopes na produção local.

Diante da importância e das possibilidades deste tipo de fonte, neste artigo vamos analisar alguns aspectos da arte cemiterial das cidades de Bagé e Porto Alegre.

HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES ATRAVÉS DA ARTE CEMITERIAL

Os cemitérios guardam a história das cidades que pode ser contada por intermédio de seus vultos históricos e das representações simbólicas. Os vultos históricos tornam-se heróis por seus feitos e pela releitura promovida pelo imaginário social.

A arte cemiterial revela forte influência do culto ao herói, uma vez que reverência a memória de vultos que se destacaram no mundo político, social e cultural. O culto ao herói era amplamente difundido pela influência positivista, como aponta Silva:

(...) a doutrina positivista exerceu grande influência no culto aos heróis, o que justifica o período do surto da arte cemiterial, como este momento em que os cemitérios passam a ser os melhores locais de homenagens aos homens que se destacaram na política, cultura e dentro de suas próprias famílias. O positivismo no Rio Grande do Sul, ao utilizar a arte funerária como veículo de perpetuação de sua ideologia, teve como objetivo principal consolidar seus atos para as futuras gerações (SILVA: 2001, p.14).

Um exemplo no qual podemos observar essa característica é no mausoléu de Antônio de Souza Netto. Segundo Bonés, Netto mandou construir seu mausoléu na Itália, todo em mármore de Carrara, sendo transportado em blocos para Bagé (BONÉS:1995, p. XVIII).



Figura 1: Mausoléu do general Sousa Netto Cemitério da Santa Casa de Bagé (Foto de Diones Alves).

Souza Netto participou da Revolução Farroupilha e da Guerra do Paraguai, mas apesar de seu perfil militar, é representado iconograficamente como um herói ilustrado em um brasão em alto relevo no centro do mausoléu (Figura 1). Essa leitura pode ser visualizada sob as representações femininas que o acompanham, as alegorias do heroísmo e do saber.



Figura 2: Detalhe Clio e as duas Guerras; e alegoria do heroísmo, Mausoléu do general Sousa Netto, Cemitério da Santa Casa de Bagé (Foto de Diones Alves).

A alegoria destacada à esquerda, na Figura 2, pode ser interpretada como a musa Clio, que apresenta dois livros fechados, um representando a história da Revolução Farroupilha e outro a Guerra do Paraguai. A figura feminina ocupa o seu lugar de guardiã da história e da tradição.

Ao analisarmos as representações femininas por intermédio da arte no Rio Grande do Sul, observamos que essas contribuíram para a divulgação dos preceitos e da moral positivista, cujo objetivo era consolidar junto ao imaginário popular o símbolo de perfeição feminina, inspirada em Clotilde de Vaux², representação da Religião da Humanidade. A mentalidade conservadora propiciou a reconstrução de uma simbologia impregnada de valores moralistas sobre como deveria ser a conduta feminina.

Existem representações de figuras femininas que acompanhavam os grandes vultos políticos ou, muitas vezes, a sós em estátuas e monumentos, em formas alegóricas, que evidenciavam o dever da mulher de guardiã da moral. Na estatuária, foram ressaltadas somente as virtudes femininas, pois a arte deveria representar uma imagem ideal a ser seguida, cultivando com isso o aperfeiçoamento humano.

A utilização da figura feminina como símbolo político era uma herança da Revolução Francesa, que elegeu Marianne o signo máximo da nova ordem. Tornavam públicos símbolos e signos da vida privada, ou seja, da mãe que passa a ser representada pela alegoria da República. E segundo Lynn Hunt:

Os símbolos da vida familiar e doméstica podiam exercer um efeito político (e portanto público) durante esse período de confusão entre a vida pública e privada. O emblema da República, a deusa romana da Liberdade, muitas vezes ostentava um ar abstrato nos sinetes oficiais, nas estátuas e nas vinhetas. Mas, num grande número de representações ela assumia o aspecto familiar de uma jovem donzela ou jovem mãe. (...) A mulher e a mãe, tão desprovidas de qual quer direito político, foram capazes, apesar disso (ou justamente por isso?), de se converter nos emblemas da nova República (HUNT. In DUBY & ARIES: 1992, p. 31).

A representação da figura feminina nos emblemas políticos ressalta o seu papel de guardiã da nova ordem, detentora de uma moral elevada e de atributos que a dignificavam. Era um modelo exemplar da grande mãe-guardiã que deveria ser imitado.

² Clotilde de Vaux, musa de Comte, tornou-se a representação da mulher ideal, considerando-a íntegra, pura, perfeita. Isso ocorreu porque o filósofo nunca a tocou, tornando-a símbolo de adoração com atributos herdados do arquétipo da Grande Mãe. E sua antítese era representada por Caroline Massin, prostituta com a qual Comte veio a contrair matrimônio, tendo uma relação bastante conflituosa. A primeira foi moldada a partir do arquétipo de Maria, A Virgem, e a segunda no de Eva, A Pecadora (ISMÉRIO: 1995, p. 21)

Outra figura de destaque é o anjo guardião (Figura 3) que se encontra em cima do mausoléu do general Netto. Conforme Vovelle, os anjos eram figuras comuns nas sepulturas de crianças, simbolizando que estes eram “anjos no céu”. No século XIX passou a ter duas representações sucessivas: inicialmente como um jovem que representa o anjo da morte e logo após, a forma mais frequente, uma figura feminina de formas opulentas (VOVELLE: 1997, p. 330-331).



Figura 3: Detalhe Anja Guarda Orante, Mausoléu do General Sousa Netto, Cemitério da Santa Casa de Bagé.

Observamos que no decorrer do tempo os anjos sofreram alterações em sua imagem e atributos, sendo que tais elementos acrescidos são fruto do imaginário do popular de cada período. Com o passar do tempo e devido a influência positivista foi construído o modelo de anjo feminino, por ser a mulher a consoladora, orientadora e guardiã da sua família.

Outro jazigo de destaque é o de Francisco Ilarregui (Figura 4), um imigrante espanhol que prosperou com atividades ligadas ao comércio. Trechos de sua vida são narrados no seu obituário:

Aos estragos de cruel enfermidade que há muito o atormentava, falleceu na manhã de hontem, o honrado e laborioso commerciante e capitalista desta praça Sr. Francisco Illarregui. O finado era um cavalheiro respeitável, de character austero e muito concentrado ao trabalho, conseguindo a custa de incessante labor, adquirir honestamente uma regular fortuna. Era natural de Hespanha, casado e contava 62 annos de idade. Verdadeiro homem de bem, gosou sempre de elevado-credito e da maior consideração na sociedade em que viveu. Deploramos o seu passamento e a sua respeitável viúva, filhos e parentes, enviam as nossas expressões de pesar. Estiveram extraordinariamente concorridas as ceremonias do enterramento do corpo do extincto, realizadas hontem, às 4 horas da tarde. O féretro foi conduzido a mão da casa mortuária à Igreja Matriz, comparecendo encorpada a benemérita sociedade hespanhola de beneficência, com o seu estandarte coberto de luto. No carro mortuário de 1 classe e em mais três de praça, viam-se ricas coroas fúnebres, piedosa homenagem da exma. Família, parentes e amigos do finado (O DEVER: 1905, p. 2).

O mausoléu é todo em mármore, representando um templo grego. Ao centro tem o busto de Illarregui sobre um caixão. Mostra a opulência de um homem que na morte quer ser representado como um herói letrado entre as colunas de sua acrópole particular.



Figura 4: Jazigo de Francisco Illarregui, Cemitério da Santa Casa de Bagé. (Foto de Diones Alves).

O detalhe central do jazigo reflete sobre o tempo que se esvai, representado pela ampulheta alada, e a certeza da morte, destacada pelas tochas que se apagam (Figura 5).



Figura 5 : Representação da Morte, detalhe do jazigo de Francisco Ilarregui, Cemitério da Santa Casa de Bagé . (Foto de Diones Alves).

Podemos observar que o jazigo, simbolicamente, foi feito para preservar e edificar a memória do morto além de propor a ponderar sobre a morte e efemeridade da vida.

O túmulo do senador Pinheiro Machado, localizado no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, é uma verdadeira exaltação ao herói cívico. José Gomes Pinheiro Machado (1851-1915), fundou juntamente com Júlio de Castilhos, em 1884 o jornal *A Federação*, que representava os interesses do Partido Republicano Rio-Grandense junto ao governo federal. A posição de Pinheiro Machado foi sempre autoritária e tornou-se uma grande força política durante o governo de Hermes da Fonseca.

Foi assassinado em 8 de setembro de 1915, no Rio de Janeiro, por Manso de Paiva. Ao ser enterrado no cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Borges de Medeiros promoveu um funeral apoteótico com todas as honras positivistas, pois passou a ser a representação do “mártir da República, o puro evangelizador dos sacristíssimos ideais democráticos” (O DEVER, 1917, p. 1).

No túmulo, obra do escultor Pinto Couto datado de 1915, existe uma imagem da República (Figura 7) representada por uma mulher madura que chora pela morte do estadista, signo da mãe que lamenta a perda de um filho querido, lembrando a Pietá de Miguelangelo. Pinheiro Machado é representado como um herói romano, peito nu e coberto pela bandeira do Brasil. Na parte posterior do monumento encontra-se a seguinte frase: "Desoladas tua esposa e a República, lamentam e lamentarão sempre a tua grande falta".



Figura 6 - Mãe República. Detalhe do túmulo de Pinheiro Machado, Cemitério da Santa casa de Misericórdia, Porto Alegre .

Aos pés do túmulo aparece a musa da História, Clio (Figura 7), que registra a vida do herói em seu livro para ensinar as gerações futuras, representadas pelas crianças. Novamente a imagem da mulher educadora e guardiã é destacada neste túmulo, evidenciando o modelo de anjo tutelar, tanto no signo da Mãe Pátria como no da História, a grande mestra da vida.



Figura 7 – Musa Clio, detalhe do túmulo de Pinheiro Machado, Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre.

Nessa representação encontra-se subtendido o papel da mulher como educadora. As mulheres deveriam educar seus filhos nos princípios da moral e do civismo, tendo como base a História, a "grande mestra da vida", porque os vultos do passado, heróis e grandes homens, que serviam como exemplos de vida e de conduta às novas gerações. Sendo considerada uma educadora por natureza, a mulher poderia

exercer a profissão de professora, orientando os alunos como se fossem seus próprios filhos. A professora trabalhava em escolas, casas particulares ou em suas próprias casas, ou seja, sempre em ambientes fechados que a protegesse. Muitas mulheres desistiram de ser *rainha do lar* e de constituir família para se dedicar unicamente ao magistério. A que optasse por ficar solteira, era muitas vezes mal vista pela sociedade, pois estaria deixando de cumprir sua função de progenitora, e com isso perderia sua pureza espiritual, ficando desprotegida e exposta aos males da vida. Isso acontecia porque o lugar da mulher era dentro do lar cuidando de seus entes ou afazeres. Se ficasse solteira estaria fora dos padrões pré-estabelecidos. Mas se decidisse dedicar-se unicamente ao magistério, ensinando as crianças como se fossem seus próprios filhos, resgatava o estado de pureza no papel de mãe-educadora. Com esta escolha, não sofria discriminação.

O túmulo de Júlio de Castilhos traz uma pirâmide com uma águia no topo; abaixo, a data da constituição castilhista e um medalhão com o rosto do político. Na base da pirâmide, a Pátria (Figura 8) é representada por uma jovem que segura na mão esquerda a bandeira nacional e na direita, uma coroa de louros e o brasão de armas do Estado. Ressaltando novamente a mulher enquanto guardiã da moral e dos signos da pátria. Aparecem ainda os seguintes lemas: "A Júlio de Castilhos, o Rio Grande do Sul", "Ordem e Progresso" e "Os vivos serão sempre e cada vez mais governados pêlos mortos". Os dois últimos lemas foram extremamente enaltecidos pelos positivistas.



Figura 8 – Mãe Pátria. Detalhe do túmulo de Júlio de Castilhos. Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre.

Tanto a Mãe República como a Mãe Pátria, representa a metáfora da dor. Figuras recorrentes através das alegorias da saudade ou, ainda, das carpideiras (Figura 9).



Figura 9: Detalhe do jazigo da Família Riet, Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Bagé (Foto de Douglas Lemos de Quadros).

As carpideiras eram mulheres pagas para chorar nos velórios e enterros, que com o choro comoviam a todos. Muito mais que carpideiras, estas imagens passam a simbolizar a “viúva eterna” consagrada pelo positivismo. Mulheres que deveriam guardar a moral do falecido e chorar eternamente sua ausência.

A alegoria da saudade é uma mulher triste que segura uma coroa de flores, pode estar sentada ou debruçada sob o túmulo. Quando aparece abraçada a cruz, agregam também a idéia da fé (Ilustração10). Pode ainda representar a saudade e a esperança, quando se apresenta com uma estrela na testa (esperança) e olhando para o céu (Figura 11).



Figura 10 e 11: Alegoria da Saudade (Foto de Douglas Lemos de Quadros). Saudade e esperança (Foto de Diones Alves). Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Bagé.

Existem imagens da Virgem Maria, que segundo o catolicismo, era o grande modelo a ser seguido pelas mulheres de boa índole, pois representa a submissão, pureza e resignação. A imagem que destacamos foi inspirada na Pietá de Michelangelo, simbolismo da mãe chorosa que lamenta a perda de um filho querido (Figura 12).



**Figura 12: Pietá, Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Bagé
(Foto de Douglas Lemos de Quadros)**

Apesar das características próprias todas as figuras femininas resumem-se na representação da “viúva eterna” e da “guardiã da moral”, consagradas pelo positivismo. Por meio da arte cemiterial as imagens femininas transformam-se em viúvas eternas que zelam pela memória das famílias ilustres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cemitérios são verdadeiros museus a céu aberto que guardam a memória de seus mortos. São fontes de valor inestimável, pois além de possibilitar o estudo da história das famílias tradicionais, a mobilidade social, a mentalidade local e o desenvolvimento econômico do município, evidencia que cada família ou vulto histórico escolhia a forma que pretendia ser eternizado por intermédio da opulência de seus jazigos ou mausoléus ou da releitura dos símbolos presentes no imaginário social.

Portanto, são fontes que guardam a identidade local. Embora sejam símbolos e alegorias universais, cada família as escolhia para caracterizar aspectos pessoais e subjetivos.

Cada vez que nos debruçamos a estudar as representações da arte cemiterial desnudamos um universo de símbolos significativos que nos permitem entender a história de cada cidade. E nos mostra a importância de conhecer e preservar este patrimônio.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **O Homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, Vol. II, 1982.
- BASTIANELLO, Eliane M. Tonini. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)**. Dissertação de Mestrado do Programa em Memória e Patrimônio Cultural d Universidade Federal de Pelotas, 2010.
- BELLOMO, Harry R (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.
- BONES, Elmar. **O General que não aceitou a paz**. In. *Correio do Povo*. 20 de setembro de 1995, XVIII.
- BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto**. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.
- O Dever . Órgão Republicano e dos Interesses do Comércio e Indústria do Estado**. N. 1103. Quarta-feira, 30 de agosto de 1905.
- HUNT, Lynn. **Revolução Francesa e Vida Privada**. In DUBY, George & ARIES, P. *História da Vida Privada*. São Paulo: Cia das Letras, vol. 4, 1992.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher: A Moral e o Imaginário 1889-1930**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- SENADOR PINHEIRO MACHADO – **O Dever . Órgão Republicano e dos Interesses do Comércio e Indústria do Estado**. 29 de julho de 1917.
- SOARES, Fernanda. **Santa Thereza: Um estudo sobre as Charquedas da Fronteira Brasil – Uruguai**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, 2006.